

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## TRÊS TIPOS DE MACHADOS DE BRONZE DO NORTE DE PORTUGAL E AS SUAS PROVÁVEIS ORIGENS.

HARBISON, Peter

Ano: 1968 | Número: 78

---

### Como citar este documento:

HARBISON, Peter, Três tipos de machados de bronze do Norte de Portugal e as suas prováveis origens. *Revista de Guimarães*, 78 (1-2) Jan.-Jun. 1968, p. 49-54.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Três tipos de machados de bronze do Norte de Portugal e suas prováveis origens (\*)

Por PETER HARBISON.

---

Em tempos pré-históricos, a região portuguesa a Norte do Douro era, sob o ponto de vista cultural, diferenciada do resto do país. A sua individualidade provinha da penetração de elementos mediterrâneos recebidos do Sul, que se mesclaram aos que haviam entrado mais pelo Norte, ao longo da costa atlântica, reunindo-se deste modo as duas influências que produziram um conjunto harmónico. O resultado de tal fusão destes elementos num mesmo cadinho, durante a Primeira Idade do Bronze no Norte de Portugal, constitue o assunto da presente nota.

Muito embora o fabrico de armas representasse uma parte considerável da produção da indústria metálica da Cultura de El Argar do Sudeste da Espanha, é curioso verificar que poucas armas semelhantes, datadas da mesma época, se conhecem no Norte de Portugal, talvez porque nesse tempo os habitantes desta região constituíssem um povo acolhedor e pacífico! De entre os raros punhais do tipo dos de El Argar apenas um exemplar se lhe assemelha de certo modo, proveniente de S. Bartolomeu do Mar (Esposende) (1), o qual se guarda no Museu do Seminário de Santiago, em Braga, e que, devido às protuberâncias laterais que apresenta na parte superior da folha,

---

(\*) Este pequeno artigo constitue uma versão abreviada de um outro trabalho nosso, a publicar nos *Madridrer Mitteilungen*, vol. 8, referente a 1967. As Figs. 2 a 4 que ilustram o artigo foram extraídas daquela publicação por especial deferência do Instituto Arqueológico Alemão, de Madrid.

(1) Harbison, *Madridrer Mitteilungen*, t. 8, Madrid 1967, Fig. 1,3.

mais parece tratar-se de um espécimen da indústria local do que de um produto de importação.

Os machados constituíram porém o artigo mais frequentemente produzido pela indústria metalúrgica local, durante a Primeira Idade do Bronze. Existem, pelo menos, três tipos diferentes de machados (*Fig. 1*), embora nem sempre seja fácil estabelecer entre eles uma divisão bem nítida, pois surgem por vezes exemplares que apresentam reunidos elementos de pelo menos dois desses tipos. Os três tipos diferenciados aparecem não só no Norte de Portugal, mas igualmente na Galiza e nas Astúrias (1).

O primeiro grupo é constituído por exemplares do chamado «tipo de Cabrales», cujo protótipo consiste num machado alongado, plano, com os lados quase rectilínios e o gume apenas um pouco mais largo que a base, na extremidade oposta (*Fig. 1,1*). O maior centro de produção deste tipo de machados situa-se entre o Douro e o Minho. Paralelos evidentes tem sido também encontrados no centro e Sul de Portugal, como, por exemplo, em Vila Nova de S. Pedro. Os conjuntos de Alte, Paderne (Algarve) (2), de Caldelas (Estremadura) (3) e de Espite (4) levam-nos a suspeitar que estes machados do «tipo Cabrales» tenham suas origens precisamente no centro e Sul do país. Pertence a este mesmo tipo um machado encontrado num conjunto galego procedente de Roufeiro (Orense) (*Fig. 2*), onde igualmente apareceu um punhal com lingueta de encabamento característico da Cultura do Vaso Campaniforme (*Beaker Culture*), e semelhante à adaga de cobre da Quinta da Água Branca (Minho).

Ora o achado de Roufeiro incluía também algumas folhas de punhais com orifícios para os rebites de fixação dos cabos, bastante semelhantes aos punhais de El Argar e provavelmente contemporâneos dessa Cultura. Este conjunto do Roufeiro deixa portanto supor que a Cultura «Beaker» tenha persistido durante largos tempos na Galiza, e provavelmente também no Norte de Portugal,

---

(1) O catálogo e mapas de distribuição destes três tipos de machados encontram-se em Harbison, *Mad. Mitt.* 8.

(2) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, 1891, vol. IV, p. 83.

(3) Estácio da Veiga, *Op. cit.* pp. 154-5.

(4) Estácio da Veiga, *Op. cit.* pp. 152-3.

até se haver estabelecido contacto com a Cultura que deu origem aos referidos punhais semelhantes aos de El Argar. Apesar de poucos campaniformes se conhecerem procedentes do Norte de Portugal, contudo as pontas de cobre do tipo de Palmela encontradas em S. Bento de Balugães e Cabeceiras de Basto (Minho), Aldeia Nova e Castro de S. Lourenço (Trás-os-Montes) constituem uma prova de que a Cultura «Beaker» aqui floresceu também.

O segundo tipo de machados (*Fig. 1,2*) podemos designá-lo por «tipo de Bujões», nome de um dos locais onde foi encontrado. É um machado plano, com a base, ou seja a parte oposta ao gume, bastante grossa e por vezes alongada, cujos lados se afastam ligeiramente na metade superior, enquanto que na inferior se abrem pronunciadamente até aos bordos do gume, o qual é pouco curvo. Este tipo de machado parece ser originário do Sul do país, visto encontrar-se não só nas províncias do Minho e de Trás-os-Montes, como também no centro de Portugal, tendo por exemplo sido achado um na Mina da Juliana (Alentejo) (1). Tanto num conjunto procedente de Posada (Oviedo) (2), como num outro de Paderne (Algarve) (3), foram encontrados um machado deste tipo junto a outro do «tipo de Cabrales», facto que nos leva a concluir não haver grande diferença cronológica entre estes dois tipos.

Ao terceiro grupo (*Fig. 1,3*) chamamos do «tipo de Barcelos» designação que lhe foi dada por MacWhite (4). Assemelha-se ao «tipo de Bujões», porém o gume é acentuadamente curvo, formando por vezes quase que um semicírculo. Conhecem-se muitos exemplares provenientes da zona de entre o Douro e o Minho. Os paralelos mais flagrantes deste tipo de machado vamos encontrá-los nas Ilhas Britânicas, especialmente na Irlanda, sendo provavelmente essa a sua origem. Esta hipótese apoia-se no facto de um machado procedente do Cabo Finisterre (La Coruña) (*Fig. 3*) apresentar a chamada ornamentação «em gota de água» (*raindrop*),

(1) Estácio da Veiga, *Op. cit.* p. 211.

(2) Harbison, *Op. cit.*, Fig. 6,1-4.

(3) Estácio da Veiga, *Op. cit.*, p. 90.

(4) Eoin MacWhite, *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Madrid 1951, p. 47.

característica dos machados irlandeses contemporâneos da Cultura de Wessex, do Sul da Inglaterra. O conjunto de Agro Velho (Minho) (1) continha machados deste tipo e outros um tanto semelhantes aos do «tipo de Bujões», parecendo assim haver certa conexão entre os dois tipos. Contudo, num achado em Campos de Melide (La Coruña) (Fig. 4), foi encontrado um machado do «tipo de Barcelos» juntamente com um *palstave* (machado de talão), o que mostra haver aquele tipo subsistido durante o Bronze Médio. Deste mesmo «tipo de Barcelos» foi igualmente encontrado um exemplar no conjunto procedente de Codeseda (Pontevedra) (2), e, como todos os espécimes de punhais e machados pertencentes a este conjunto diferem por completo dos de Roufeiro, é possível que sejam de períodos cronológicos diversos.

O estudo destes conjuntos contendo os três tipos de machados que acabamos de mencionar leva-nos a concluir que a metalurgia no Norte de Portugal teria provavelmente começado numa época em que ainda a Cultura «Beaker» ali estava radicada, sendo por consequência esse começo muito mais tardio do que no Sul do País. A fase mais antiga da indústria do metal no Norte teria assim provavelmente vindo do Sul, e em data posterior revigorada por influências procedentes das Ilhas Britânicas, que se prolongaram durante o Bronze Médio.

Não quero terminar esta breve nota sem manifestar aqui o meu agradecimento ao Coronel Mário Cardozo, de Guimarães, ao Professor Santos Júnior, do Porto, e ao Snr. Saavedra Machado, de Lisboa, pelo auxílio que me prestaram na busca de materiais para a documentação deste artigo.

---

(1) Carlos Teixeira e Maria da Soledade de Castro Fernandes, «Machados planos de bronze de Montalegre», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto 1963, vol. XIX, fasc. 2, pp. 169 ss. e Fig. 3.

(2) Harbison, *Op. cit.*, Fig. 8,1-4.

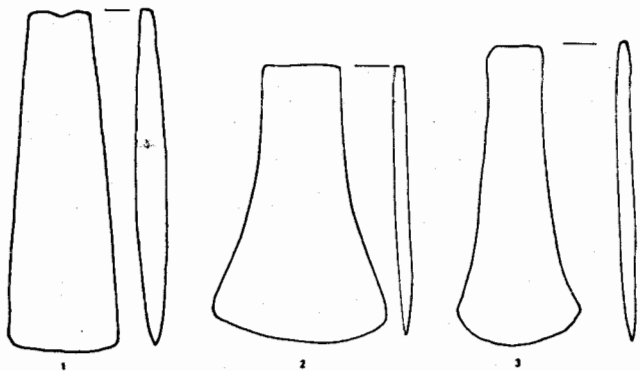


Fig. 1 — 1, *Guimarães, Minho* (Mus. Nac. de Arq. e Etnol. de Lisboa), 2, *Folgadouro, Minho* (Mus. dos Serv. Geol. de Lisboa). 3, *Entre Cervos e Gralhas, Trás-os-Montes* (Mus. da Soc. Martins Sarmento, Guimarães).

Esc. 1:4.

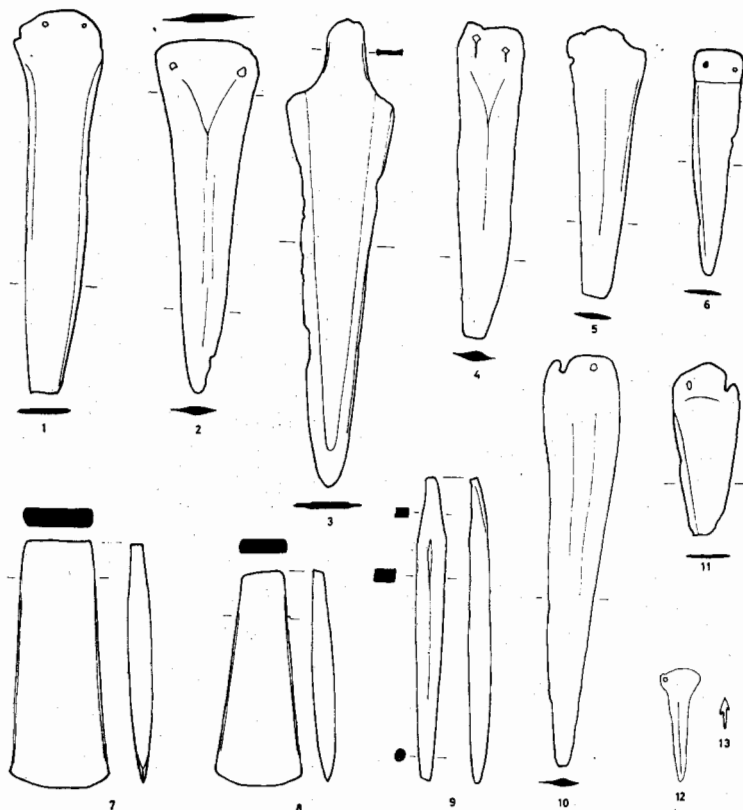


Fig. 2 — *Conjunto procedente de Roufeiro (Orense).*

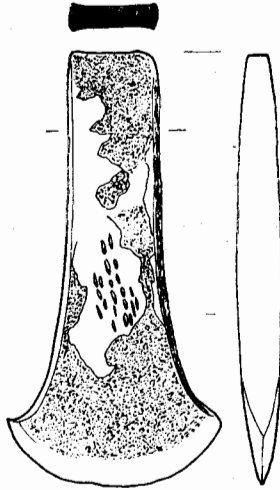


Fig. 3 — Machado procedente do Cabo Finisterre (La Coruña).

Esc. 1:3 aprox.

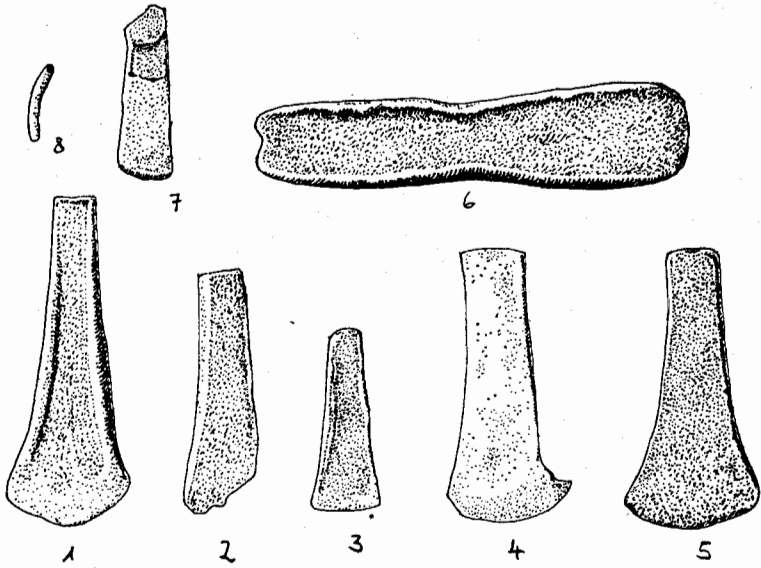


Fig. 4 — Conjunto procedente de Campos de Melide (La Coruña).

(Segundo Lopez Cuevillas.)